

8.5

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA CULTURA**

**GENIPABU: ENTRE PESCADORES E BUGUEIROS O**  
**CONFRONTO DE DOIS MUNDOS**

**AUTOR: GILSON DA SILVA BARBOSA**

**Monografia apresentada no Curso de  
Especialização em História da Cultura  
da Universidade Federal do Rio Grande  
do Norte para a obtenção no grau de  
Especialista em História.**

**Orientador: Hélder do Nascimento Viana**

**Agosto / 1 9 9 6**

## SUMÁRIO

<b>I - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>03</b>
<b>II - METODOLOGIA .....</b>	<b>05</b>
<b>1 - LEITURA DOS DADOS DO IBGE .....</b>	<b>07</b>
1.1. Extremoz.....	10
<b>III - GENIPABU: UMA COMUNIDADE DE PESCADORES .....</b>	<b>15</b>
<b>1 - A LOCALIZAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 - O TRABALHO .....</b>	<b>16</b>
<b>3 - OUTRAS PECULIARIDADES .....</b>	<b>19</b>
<b>4 - A VIDA COTIDIANA .....</b>	<b>21</b>
4. 1 - As Mulheres .....	22
4. 2 - As Crianças e as Brincadeiras .....	22
4. 3 - Os Fim de Semana .....	22
<b>5 - A EDUCAÇÃO E RELIGIÃO .....</b>	<b>24</b>
5. 1 - Educação .....	24
5. 2 - Religião .....	27
<b>IV - O TURISMO .....</b>	<b>30</b>
<b>V - CONCLUSÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>VII - BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>34</b>

## **I. INTRODUÇÃO**

Até meados da década de 70 Genibapu era uma vila de pescadores quase que totalmente isolada, distante das características urbanas e detentora de uma cultura tradicional. Para que se tenha uma idéia desse isolamento, só por volta de 1979 é que Genipabu passa a ter luz elétrica e água encanada. Até então, seus moradores usavam candeeiro a querosene e retiravam água potável de fontes próximas às dunas. A estrada de acesso só foi calçada na década de oitenta, permitindo, assim, um aumento no fluxo de veículos.

Acreditamos que essas outras mudanças na estrutura da comunidade procurava viabilizar o turismo como atividade na região. Acreditamos, também que o turismo, uma vez introduzido na região, tenha sido responsável por mudanças mais profundas.

Este trabalho pretende compreender as mudanças nas formas da sociabilidade da comunidade de Genibapu, a partir da década de 80, quando essa comunidade passou por uma série de transformações na sua economia e na sua vida cotidiana decorrente da introdução do turismo como atividade econômica.

O objetivo fundamental é perceber que antes mesmo da década de 80 tem início uma mudança na principal atividade econômica - a pesca artesanal -, em consequência da introdução do turismo como uma atividade nova, com características nunca vivenciadas na região.

Procuramos, através do depoimento dos antigos moradores, reconstruir as características dessa sociedade tradicional, levando em consideração aspectos da vida

social, tais como: o lazer, o trabalho, a vida das mulheres e das crianças, a educação, a religião, etc., procurando, assim, perceber as mudanças ocorridas sobre essa comunidade.

## **II - METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho optamos pelo método da história oral, uma vez que a inexistência de documentos escritos na comunidade de Genipabu impossibilita o levantamento de dados a respeito do tema.

A história oral não é um método novo e nem tão difícil de se lidar. Como diz Paul Thompson:

“Ela foi a primeira espécie de história. E apenas recentemente é que a habilidade em usar a evidência oral deixou de ser uma das marcas do grande historiador<sup>1</sup>”.

O método se torna agradável porque, segundo o autor citado:

“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história<sup>2</sup> ...”.

Através da história oral pretendemos fazer a memória da Comunidade de Genipabu. Para Eclea Bosi

---

<sup>1</sup>THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. P. 45

<sup>2</sup>Op. Cit. p. 44

"Memória é a conservação do passado, que sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente<sup>3</sup>".

Na comunidade a ser trabalhada essa memória até hoje existe em estado inconsciente, porém objetivando trazê-la a forma da lembrança para assim percebermos as marcas da mudança deixadas por acontecimentos modernos.

Nesse aspecto, optamos por desenvolver o trabalho fundamentado em dados colhidos da memória dos idosos. Por se tratar de um tema que implica em estudar mudanças de um tempo relativamente longo para o estudo de experiências individuais (cerca de quarenta anos) optamos por trabalhar com a "memória dos velhos". Segundo Eclea Bosi:

"Nas lembranças dos idosos é possível verificar uma história social bem desenvolvida<sup>4</sup> ...".

Essa opção ainda é fundamentada nos seguintes dizeres de Eclea:

"O velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto<sup>5</sup>".

---

<sup>3</sup>BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. P. 15.

<sup>4</sup>Op. Cit. P. 22.

<sup>5</sup>Op. Cit. P. 24.

Baseados nessa afirmação e, para podermos ter uma visão mais ampla do tempo trabalhado e, também, entendermos as mudanças ocorridas selecionamos os mais antigos habitantes da Comunidade de Genipabu. Escolhemos uma representação de testemunhas do passado na faixa etária de cinquenta e cinco a setenta anos para coletarmos os dados a serem trabalhados.

Na busca dos dados necessários, procuramos selecionar pessoas que estavam mais diretamente envolvidas no processo sócio-econômico e cultural da comunidade e que tiveram uma experiência prática de convivência coletiva. Entrevistamos pessoas como: a responsável pela capela da comunidade, a diretora e professora do único grupo escolar existente na comunidade e pescadores ativos, praticantes da mais antiga atividade econômica da comunidade. Nesse aspecto procuramos acertar nas palavras de Eclea:

"Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais<sup>6</sup>".

No entanto, apesar de buscarmos as pessoas mais envolvidas no processo de coletivização, o trabalho de análise e interpretação dos dados foi feito um a um, levando em consideração a individualidade, uma vez que já nos sentíamos alertados por Halbnachs, quando ele afirma que:

---

<sup>6</sup>Op. Cit. P. 332.

"Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva<sup>7</sup>".

Neste sentido, foi importante uma análise individual, pois podíamos confrontar os dados, correndo o risco de termos nossas teorias negadas, porém amadurecendo a certeza de que estávamos no caminho certo. O trabalho de interpretação individual também passa pela questão de valorização de cada informante, visto que essa traz à tona uma gama de informações. A respeito disso, Eclea diz sábias palavras:

"Por muito que deva a memória coletiva é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, significantes<sup>8</sup> ...".

Para a aquisição dos dados junto aos nossos informantes, nos apropriamos da técnica de entrevista. Essa técnica, por si só, está diretamente ligada ao trabalho da memória, uma vez que é um dos meios mais viáveis e proveitosos na coleta de dados para a confecção da documentação a ser utilizada. Segundo Luciara Silveira:

"A documentação oral, mais do que os documentos tradicionais, conduz ao respeito dos fatos e sua exatidão<sup>9</sup>".

---

<sup>7</sup>Op. Cit. P. 335.

<sup>8</sup>Op. Cit. P. 333.

<sup>9</sup>FROTA, Luciara Silveira e. p. 49.



Para nós esse respeito só é possível, porque, através de técnicas como a entrevista, resgatando fatos vivenciados direta ou individualmente por pessoas informantes. Para a mesma autora:

"A entrevista é uma técnica de obtenção intencional de informação, visando ao estudo de sua investigação e prova de sua hipótese<sup>10</sup>".

Na elaboração da entrevista a ser aplicada seguimos a orientação dada por Luciara Silveira quando, afirma que:

"... a entrevista não estruturada e não dirigida, onde se centra a conversação sobre um determinado tema, sem preparação prévia de perguntas, é a que melhor se ajustaria aos propósitos de documentação oral<sup>11</sup>".

É evidente que isso não quer dizer que deixamos as coisas de modo aleatório, mas preferimos que tudo fosse coletado através de uma conversa informal, mostrada por dois pontos que serão apresentados e discutidos neste trabalho: "Como era a Comunidade de Genipabu na época de sua juventude; e como eles vêem a comunidade

---

<sup>10</sup>Op. Cit. P. 45

<sup>11</sup>Op. Cit. P. 45

nos dias atuais com a implantação de uma atividade econômica mais recente como o turismo.

Para a realização dessa entrevista e armazenamento dos dados coletados junto aos informantes, nos apropriamos de instrumentos práticos e precisos como o velho e conhecido gravador portátil e fitas K7. Coletado os dados, transcrevemos os mesmos para a linguagem escrita e iniciamos o trabalho de apreciação e interpretação a fim de comprovarmos nossas hipótese e especulações. Para a comprovação de alguns dados recorreremos às informações técnicas e mais sólidas fornecidas pelo IBGE. Essas informações serão importantes pois servirão de fundamentação para nossas hipóteses e nos darão respaldo para nossas especulações, tornando, assim, um trabalho sério e de aspecto científico.

## 1. LEITURA DE DADOS DO IBGE

A pesca no Rio Grande do Norte sempre foi uma atividade importante e bem sucedida. Importante por ocupar uma boa quantidade de mão de obra, e girar divisas para o estado. Bem sucedida por causa das condições naturais favoráveis existentes na costa e possibilitando a pesca o ano todo.

"O Estado do Rio Grande do Norte conta com algumas condições peculiares que o posicionam de forma privilegiada para a explorada pesca marinha<sup>12</sup>".

Podemos citar algumas destas condições: a influência das correntes marinhas e de ventos no litoral; a existência de regiões altamente piscosas nos limites de 160 milhas náuticas; a existência de grandes concentrações coralíneas em profundidades ideais que favorecem o desenvolvimento de crustáceos, moluscos e peixes.

A atividade pesqueira no RN divide-se em pesca artesanal e industrial. Paulo Pereira dos Santos na sua obra *Evolução Econômica do Rio Grande do Norte*<sup>13</sup> mostra que no final da década de 70 e início da década de 80 é possível notar uma sensível decadência na pesca artesanal. Isso se deve à mudança da atividade pesqueira para a atividade turística em algumas comunidades praieiras, uma vez que é nesse período que o turismo começa a se desenvolver no Rio Grande do Norte. No entanto, os dados estatísticos encontrados nos anuários do RN mostram que, em meados do anos 80, essa produção volta a crescer, visto que a pesca industrial assume o controle da produção, ou seja, as empresas estimuladas cada vez mais pelo governo, dominam a produção pesqueira e, segundo Paulo Pereira, isso ocorre devido ao crescimento da demanda no mercado externo.

---

<sup>12</sup>CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda.. *Economia e Urbanização do Rio Grande do Norte, nos anos 70*. P. 274

<sup>13</sup>SANTOS, Paulo Pereira dos. *Evolução Econômica do Rio Grande do Norte*.

**PRODUÇÃO TOTAL NO ESTADO**

ANO	PRODUÇÃO DO PESCADO NO RN
1971	3.571.574 kg.
1972	4.097.880 kg.
1983	3.234.795 kg.
1984	4.624.616 kg.
1990	468.162 t
1991	1.701,2 t
1992	5.193,4 t

**1.1. Extremoz**

Extremoz é um município do Estado do Rio Grande do Norte criado em 1963, data em que foi desmembrado do município de Touros. Esse município está limitado ao norte pela costa do Atlântico e nesta área pertence-lhe cinco praias: Pitangui, Barra do Rio, Genipabu, Santa Rita e Félix Fogo. No passado as comunidades praieiras de Genipabu, Pitangui e Santa Rita dedicavam-se à atividade pesqueira. Hoje, apenas a comunidade de Pitangui continua essa atividade.

Como as demais praias do Rio Grande do Norte, os habitantes das praias de Extremoz dedicavam-se à pesca de forma artesanal e davam uma contribuição grande produção anual do Estado, vejamos os dados.

ANO	PRODUÇÃO DO PESCADO EM EXTREMOZ
1971	16.760 kg.
1972	205.012 kg.
1983	(Pitangui) 67.639 kg.
1992	(Genipabu - 4,3t)4.624.616 kg.

Observemos que mantem-se o crescimento da produção pesqueira, apesar de em 1983 ter ocorrido uma queda vertiginosa devido ao fato de que tão somente Pitangui colaborou com a produção, no entanto, em 1992, a produção do município voltou a crescer, embora a participação de Genipabu tenha sido a mínima possível.

Esses dados confirmam a informação de Paulo Pereira de que a pesca artesanal tem diminuído, embora a produção total do Estado, tenha se mantido crescente. A diminuição da pesca artesanal irar indicar uma crise desta atividade no interior das comunidades praieiras que viviam basicamente da pesca, como Genipabu?

Na tentativa de respondermos a esta questão, pesquisamos o desenvolvimento de outras atividades econômicas no estado e mais especificamente nessas comunidades. Deparamos com o desenvolvimento do turismo no estado simultaneamente ao momento em que ocorre essa decadência da pesca artesanal. Portanto, acreditamos que a diminuição da produção pesqueira das comunidades praieiras como Genipabu deve-se a uma mudança nos hábitos econômicas dessas comunidades, o seja, elas substituíram a pesca por uma dedicação ao turismo.

Para comprovarmos esta afirmação lançamos mão das informações estatísticas a respeito dos serviços hoteleiros no Estado e em Genipabu. Vejamos os dados:

1974 - na grande Natal havia 44 hotéis, não consta nestas estatísticas qualquer menção ao município de Genipabu.

1994 - na grande Natal havia 195 hotéis, Genipabu aparece com 6 estabelecimentos de hospedagem.

Esses dados comprovam o crescimento do turismo enquanto atividade econômica no Estado e especificamente na comunidade de Genipabu. Além desses, outros dados podem ser apresentados no tocante à comunidade de Genipabu. Nos últimos 10 anos, outros serviços cresceram bastante nessa comunidade, por exemplo: atualmente, Genipabu conta com mais de 06 restaurantes e várias barracas de alimentação, e ainda contamos com o serviço logístico de artesanato que hoje já possui mais de oito lojas e algumas barracas de artesanato.

Todos esses serviços são para atender o grande número de turistas que visita Genipabu diariamente, principalmente nas duas grandes temporadas de férias do ano.

No entanto, chamamos a atenção para um outro dado importante. Tanto o alimento como o artesanato comercializado em Genipabu vem de fora, ou seja, nada do que é vendido em Genipabu é produzido lá mesmo, tudo vem de Natal ou outras comunidades. Com isso afirmamos definitivamente que Genipabu abandonou completamente a pesca e outras atividades tradicionais para dedicar-se ao turismo.

### III - GENIPABU: UMA COMUNIDADE DE PESCADORES

#### 1. LOCALIZAÇÃO

Genipabu é uma pequena comunidade localizada no litoral norte do Rio Grande do Norte, há 10 km de Natal, separada da mesma por altas e longas dunas formadas ao longo do tempo pelo movimento do vento. Há indícios de que Genipabu comunidade antecede as dunas, ou seja, segundo dona Maria da Cruz Gomes Barbosa (Mariquinha)<sup>14</sup>, quando a comunidade formou-se ainda não havia as dunas, e no seu lugar havia uma mata de pau-ferro, que ao longo do tempo foi coberta pelas dunas que se formaram. Segundo ela, estas informações lhe foram passadas pelos seus pais através de histórias da comunidade.

Genipabu está limitada pelo próprio Oceano Atlântico, pelas dunas e por outras comunidades como Santa Rita ao oeste, Barra do Rio ao leste. A comunidade já pertenceu ao município de Ceará Mirim. Hoje, pertence ao município de Extremoz.

A estrutura da localidade de Genipabu está hoje totalmente modificada. Até 30 anos atrás Genipabu era constituída de algumas poucas casas em uma única rua, a rua da igreja, chamada de rua S. Sebastião, nome do padroeiro da comunidade. As casas eram de estilo simples, algumas verdadeiras choupanas isoladas umas das outras, ou seja a comunidade não se constituía de um aglomerado de casas. Nesta única rua,

---

<sup>14</sup>BARBOSA, Maria da Cruz Gomes, nascida em 1947, na própria comunidade. Dona de casa, casada com um pescador da própria comunidade. Hoje não reside mais em Genipabu.

moravam na sua quase totalidade os que se dedicavam à pesca; por isso, costuma-se afirmar que Genipabu era uma vila de pescadores. No entanto mais para o interior vamos encontrar residentes mais isolados ainda, os que se dedicavam à agricultura e à pecuária.

Nos últimos 15 anos, quando o paraíso foi descoberto tudo si transformou. As pessoas, abastadas, da capital, que buscavam locais de repouso nos fins de semana, bem como nas férias, invadiram a praia de Genipabu e hoje nós temos duas Genipabus. Genipabu habitada pelos poucos nativos que ainda sobrevivem junto aos estrangeiros que lá se fixaram para fazer o comércio turístico. E o Genipabu dos veranistas, como são chamados os que só aparecem nas férias de verão.

Com a descoberta da praia pelos veranistas a comunidade ampliou sua estrutura. Surgiu a rua da praia totalmente ocupada pelos veranistas, de forma que a comunidade passou a ter dois tipos de moradores: o morador fixo e o periódico, que deixa a rua da praia, durante a maior parte do ano deserta.

## 2. O TRABALHO

Baseado nas pesquisas realizadas, podemos afirmar que a atividade básica da comunidade é a pesca. No entanto, identificamos outras atividades realizadas em escala considerável, por exemplo, a agricultura e a pecuária, muito embora, sejam estas a nível de subsistência.



A pescaria em Genipabu era praticada de diversas formas. Foi o que podemos perceber nas palavras de seu Vicente Timóteo da Silva (Vicente Velho)<sup>15</sup>, hoje com 71 anos, quando ele diz:

“Quando cheguei em Genipabu só havia pescaria. Eu não pescava, não comecei a pescar. Não sabia se pescasse de tresmaio ou jangada.”

Assim ele nos deixa claro que a pescaria era realizada tanto na costa como em alto mar em pequenas embarcações, denominadas jangadas. A pescaria da costa era praticada com uma rede ou arrastão chamada de tresmalho. Seu Vicente também nos informa que destas modalidades praticadas, o que predominava era a pescaria em alto mar nas referidas jangadas.

“Tinha o tresmaio na costa, sauneira, mais a maior pescaria era no alto mar.”

De qualquer forma a pescaria em Genipabu era abundante ou seja, os resultados eram satisfatórios. Isto é afirmado não só por seu Vicente, mas também, por dona Maria Terceira de Oliveira (Dona Terceira)<sup>16</sup>, de 80 anos, ao narrar uma longa história sobre

---

<sup>15</sup>DA SILVA, Vicente Timóteo, nascido em 1924, chegou a comunidade de Genipabu aos 25 anos de idade, onde fixou residência, casou-se e dedicou-se a pesca. Hoje é aposentado.

<sup>16</sup>OLIVEIRA, Maria Terceira de, nascida em 1916, na própria comunidade. Durante grande parte da sua vida dedicou-se a cuidar da igreja e a zelar pela fé dos fiéis em Genipabu. Hoje está aposentada e não reside mais em Genipabu.

uma pescaria de tresmalho na costa, em que do pescado foram vendidas vários balaios para as comunidades vizinhas e o que restou foi o bastante para que parte da comunidade passasse o dia tratando (limpando) para não estragar. A princípio, ficamos receosos em aceitar esta história, no entanto, isso nos foi confirmado mais tarde por outras pessoas, como dona Maria da Cruz Gomes Barbosa.

Ainda, segundo seu Vicente, todo o pescado era vendido para as comunidades vizinhas: Boca da Ilha, Estivas e principalmente Redinha, pois não havia compradores em Genipabu. O comércio direto com a comunidade não havia. Uma parte do pescado, principalmente quando havia fartura, era separados para distribuir entre os moradores da comunidade, pois estavam ligados por laços profundos.

Alguns pescadores faziam um percurso mais atrevido e vendiam seu pescado em Natal, para isso passavam a semana inteira fora de casa aportando quase todos os dias no conhecido "Canto do Mangue", onde encontravam um preço melhor.

No tocante as outras atividades, como já afirmamos, não havia um grande comércio em torno delas. Eram praticadas para atender as necessidades básicas da família, como diz seu João Amaro da Silva (João Amaro)<sup>17</sup>, hoje com 76 anos.

"Meu trabalho foi a agricultura. Plantava feijão, milho, batata, macaxeira, o que dava na terra. Isso era para gente comer, não tinha comércio. Era só para família comer. Fazer farinha de mandioca, que era feita aqui mesmo."

---

<sup>17</sup>SILVA, João Amaro da, nascido em 1920 em Estivas e reside em Genipabu desde criança. Agricultor hoje aposentado.

Seu Antônio Feitosa do Nascimento (Antônio Azimiro)<sup>18</sup>, hoje com 79 anos, dedicou-se à criação de gado. Todos estes homens citados são unânimes em dizer que suas respectivas atividades hoje são inexistentes em Genipabu. Para eles, as coisas estão mudadas, ou seja, não são mais como antigamente e as razões destas mudanças discutiremos em um outro capítulo deste trabalho.

### 3. OUTRAS PECULIARIDADES DE GENIPABU

As pedras naturais que encontramos na praia de Genipabu, além de completarem a beleza da praia, juntamente com as dunas, constituíam indiretamente uma fonte de alimento. Essas, uma vez que serviam de habitat para uma variedades de pequenos animais marinhos, como o polvo, o lagostinha e a lagosta.

Relata dona Mariquinha que quando não tinham muitas tarefas domésticas a fazer , as mulheres embrenhavam-se na pedras para catarem esses pequenos seres, que complementavam a alimentação.

A mata que cercava Genipabu, separando-a das outras comunidades, além de ser mais um atrativo, constituía outra fonte de recursos imprescindíveis para a sobrevivência da comunidade. Isso porque, dessa mata, eram colhidos frutos e tirada a

---

<sup>18</sup>NASCIMENTO, Antônio Feitosa do, nascido em 1917 criador de gado. Ainda hoje reside em Genipabu.

lenha, pedaços finos de madeira seca usada como único combustível para cozer os alimentos.

A coleta de lenha era sempre feita por grupos de mulheres e crianças que após prepararem os feixes saíam para colher frutos silvestres. Essa era a parte gostosa e alegre da árdua tarefa de coletar lenha. Durante um grande período do ano, esses frutos alternavam-se. Dona Mariquinha nos listou alguns deles: o camboim, a ubalha, a mesquite, o caju, etc.

#### 4. VIDA COTIDIANA

##### 4.1. As mulheres

Nas décadas de 40 a 70 as mulheres de Genipabu, em geral, cuidavam de suas casas, enquanto seus esposos pescavam para ganhar o pão: mas havia uma coisa interessante citada por dona Maria das Dores da Silva<sup>19</sup>, hoje com 62 anos. Elas lavavam roupas na lagoa existente até hoje nos arredores da comunidade. Interessantes porque esta lavagem de roupa mais parecia um ritual. Em determinados dias da semana, várias senhores seguiam para a lagoa com as chamadas trouxas de roupas acompanhadas dos filhos, que faziam disso um lazer prazeroso. Ao chegarem na lagoa, elas delimitavam suas áreas chamadas de quaradores, onde as roupas, no sabão, eram

estendidas para branquearem. Evitavam assim, que as roupas se misturassem e houvesse problemas. A lavagem da roupa durava quase todo o dia, por isso algumas levavam o almoço, outras o faziam no local. Elas só voltavam para casa à tarde com as roupas secas.

Segundo dona Maria das Dores, haviam algumas mulheres que ajudavam no orçamento da família realizando pequenos trabalhos para a própria comunidade, com mais freqüência, nas épocas de festas.

"Nesta época as mulheres não trabalhavam fora, lavavam roupa, engomavam e trabalhavam em casa ... Tinha poucas costureiras, tinha as que fazia labirinto, tinha outras que bordavam a mão, fazia flores mas muito poucas. Os trabalhos eram vendidos lá mesmo ... As flores eram vendidas no dia de finados ao povo que ia visitar o cimiterio. No casamento, bouquê de noiva, de primeira comunhão. Vendia lá mesmo e as costuras também. Algumas pessoas de Gruta e Estivas que ia para mamãe costurar. Havia umas três costureiras. Na época de festas elas ficavam muito aperreadas, tinha muita costura, mamãe nem dormia de noite costurando direto."

Nas palavras de dona Maria das Dores também expressam saudades. Segundo ela, Genipabu não é mais a mesma, até a lavagem de roupas na lagoa foi proibida.

---

<sup>19</sup>SILVA, Maria das Dores, nascida em 1934. Dona de casa esposa de seu Vicente.

#### 4.2. As crianças e as brincadeiras

Era sempre uma alegria para a criançada colher frutos da época propiciados pela mata dos arredores da comunidade. Esses frutos, inclusive serviam como um delicioso lanche noturno. A noite era sempre recebida com alegria, pela criançada, apesar do cansaço causado pelas tarefas do dia-a-dia e, da escuridão, pois não havia, nessa época, iluminação elétrica em Genipabu.

Após o jantar, principalmente nas noites de lua, a criançada concentrava-se na frente da igreja onde quase sempre estavam seus pais ou na frente de uma casa, no terreiro. Ali, ouviam histórias ou brincavam de forma mais dinâmica, por exemplo, de tica, de esconde-esconde, de tá-na-vista, etc.

Mas isso também mudou. O espaço e ambiente para essas brincadeiras e afazeres não existem mais. Tudo é saudades.

#### 4.3. Os fins de semana

Segundo o depoimento de alguns, os fins de semana eram bastante animados, apesar de não haver muitas opções de lazer. Nos parece que a maioria das homens de Genipabu, nos fins de semana, gostavam mesmo era de tomar uma bebidinha independentemente de estarem envolvidos em outras diversões.

Segundo seu Vicente, aos sábados, os pescadores, após limparem suas embarcações, saiam para beber, opção de lazer mais freqüente entre os mesmos. O

forró, o pastoril, o futebol e alguns jogos de mesa, como o baralho e o dominó, eram algumas das brincadeiras realizadas enquanto bebiam. Essas brincadeiras ocorriam quase sempre na mercearia localizada ao lado da igreja e que pertencia ao senhor Pedro Barbosa, já falecido.

O “finado Pedro Barbosa” como é chamado hoje, contratava grupos de pastoril das comunidades vizinhas (Estivas e Extremoz) para animar os fins de semana em Genipabu.

“No final de semana a gente ia brincar. A brincadeira era forró e o pastoril na época tinha o pastoril. No pastoril ia beber cana e tal a gente tudo se ajuntava, tinha aqueles pastoril na época, não é? Que vinha de Estivas, de Extremoz, aí ficava ali na mercearia do finado Pedro Barbosa.

Esporte só futebol, pegavam uma bola ia bater esporte na Boca da Ilha, na água mineral, em Genipabu mesmo. No domingo que ia bater futebol ia, quem não ia, ia beber.”

Mas, nem todos compartilhavam sempre destas brincadeiras. Havia pessoas, com seu Antônio Azimiro e João Amaro, agropecuaristas, que preferiam, na maioria das vezes, uma boa vaquejada na comunidades vizinhas.

Todos afirmam que hoje não existem mais brincadeiras como essas alegres e saudáveis. Genipabu, hoje, nem ao menos, tem seu final de semana, pois tudo é trabalho, uma vez que a comunidade se volta para o atendimento aos turistas.

## 5. EDUCAÇÃO E RELIGIÃO:

### 5.1. A educação

Educação em todas as épocas e em todas os lugares sempre existiu, mesmo que em épocas distantes, ela tenha partido única e exclusivamente da família. A partir da década de 40, em Genipabu, é possível falar em educação escolar. Seu Antônio Azimiro, em seu depoimento, nos forneceu uma pequena informação a esse respeito:

“... eu pela maré e a mãe e que criou eles aí. Eu passava a semana fora lá na maré, quando chagava eles corriam da escola, fazia por bestidade, brincando uns com os outros, não queriam aprender a ler, só queriam acompanhar minha vida de gado. Hoje estão trabalhado com gado.”

Nas palavras de seu Antônio Azimiro percebemos, também, que na educação familiar, a responsabilidade maior era da mãe, pois os pais, devido ao trabalho exigir muito do seu tempo, ausentavam-se do lar e, portanto, desta esponsabilidade. Percebemos ainda que não era dado muito valor à educação escolar, pelo menos inicialmente.

Mas o interessante é que ao buscarmos informações sobre a educação nos deparamos com uma resposta quase que unânime: “Dona Isabel é que pode falar sobre isso.”



Sendo assim, procuramos essa senhora.

Dona Isabel da Cruz de Lima<sup>20</sup>, hoje com seus 66 anos, lembra-se com satisfação dos árduos anos em que trabalhou com educação escolar em Genipabu. Foi ela quem trouxe a escola, para a comunidade. Antes, essa escola funcionava em Santa Rita. Isso porque a escola funcionava na casa da própria professora que, antes era sua prima, residente na já citada comunidade.

Portanto, só por volta de 1949 é que a escola chega a Genipabu com Dona Isabel.

Nessa época devido à precariedade, não havia grandes exigências para ser professora. Dona Isabel nos revela que ela mesma não tinha o primeiro grau completo, valendo assim, o seu esforço e a sua boa vontade de se passar o pouco que aprendeu. Por isso, a formação escolar em Genipabu nunca passou da 4ª série primária.

Segundo dona Isabel, o prédio da escola foi construído por volta de 1954 pela prefeitura em acordo com o governo do estado. No entanto, uma outra pessoa ensinava na comunidade mantida pela colônia dos pescadores, entidade que ainda funciona em prol dos pescadores.

Para ela, quando comparada com a de hoje, a escola era desorganizada, pois em uma única turma funcionava o primeiro ano com alunos de idades diferentes trabalhando, a carta de ABC, a cartilha e o primeiro livro, juntamente com alunos do 2º, 3º e 4º ano, pois o prédio tinha um único salão onde funcionava tudo.

---

<sup>20</sup>LIMA, Isabel da Cruz de, nascida em 1930, foi diretora e professora do único grupo escolar de Genipabu. Hoje aposentada reside em Natal.

Em meio ao seu depoimento, dona Isabel fez uma reflexão:

"... às vezes eu fico pensando, será que eu ensinei, mas eu acho que ensinei alguma coisa, sabe por quê? Eu vi aqueles alunos daquela época, quando eles faziam o 2º ano eles sabiam mais do que os que fazem a 4ª hoje."

Bem, segundo dona Isabel, com o tempo as coisas foram melhorando, outras professoras foram enviadas e o trabalho foi se organizando.

Na época, ou pelo menos nos primeiros anos da gestão de dona Isabel, Genipabu pertencia ao município de Ceará-Mirim e só mais tarde, com o município de Extremoz, Genipabu passou a pertencer ao mesmo. Portanto as reuniões pedagógicas, os cursos de aperfeiçoamento e o pagamento das professoras eram realizados em Ceará-Mirim e, mais tarde, com a nova divisão, em Extremoz.

O número de alunos era, em média, de 25 a 30 por série.

"A freqüência era pouca, porque a maioria daqueles alunos trabalhavam e pescavam, e os pais talvez por necessidade não se incomodavam e os alunos não freqüentavam a escola. Quando chegavam o período melhor de pesca iam para pesca e outros trabalhavam no roçado."

Em virtude de uma série de fatores, a escola de Genipabu só mantinha o ensino até a 4ª série, de forma que, ao concluírem essa série, os alunos eram obrigados a parar os estudos ou deslocar-se para a Redinha e Natal, se quisessem dar continuidade ao seus estudos. O que há de interessante, é que isso era muito sacrificante, uma vez

que não havia transporte para a Redinha, nem tão pouco para Natal. Esse deslocamento era feito a pé, todos os dias, ida e volta pela praia.

Segundo dona Isabel, à medida que a educação foi se valorizando, isso tornou-se razão para que algumas famílias deixassem Genipabu, pois a fim de oferecerem o melhor para seus filhos, eram obrigados a vender tudo, abandonar Genipabu e mudar-se para a Redinha ou Natal. Essa já é a época em que os veranistas começam a descobrir Genipabu e a comprar as propriedades dos que pretendiam mudar-se.

Durante nossa entrevista com dona Isabel, descobrimos que a mesma, além de professora, exercia outras funções importantes na comunidade. Essa senhora era responsável, de certa forma, pela saúde básica da comunidade. Ela foi escolhida pela SUCAM, que na época era chamada de "Malária", para colher amostras de sangue para exames nos casos de tratamento, os medicamentos chegavam aos doentes através dela.

Dona Isabel relata que:

"Naquela época essa era a única assistência média que existia em Genipabu."

Quando se precisava de uma consulta médica ou ocorria um problema mais grave de saúde, deslocava-se para a Redinha ou Natal.

## 5.2. A religião

A comunidade de Genipabu sempre foi muito religiosa, cristã, e fiel a um único credo, ou seja, em Genipabu nunca fixou-se outra religião diferente do catolicismo mesmo em declínio, é a única que prevalece até os dias de hoje.

Como diz dona Maria Terceira, apesar das dificuldades enfrentadas pela comunidade, uma vez que a mesma não era assistida por um padre local e sim pelo pároco da Igreja Bom Jesus (Ribeira - Natal), havia todauma programação voltada para a comunidade. Ela (dona Maria) e outros fiéis tomavam conta da igreja e da fé da comunidade.

“A igreja tinha missas naqueles tempos certos, tinha novena no mês de maio ...”

Havia as festas dos Santos dos quais o mais importante era a do padroeiro da comunidade, São Sebastião, festejado no final do mês de janeiro. Era uma semana de festas encerrada com uma procissão pela comunidade com a participação alegre dos fiéis. Nestas festas, havia uma contribuição das mulheres que ornamentavam a igreja, preparavam o andor e, ainda, “tiravam auxílio”, uma espécie de oferta colhida de lar em lar.

Diz dona Terceira:

“A procissão tinha aqueles andor, botava o santo no andor. Dava muita gente que vinha para a procissão, a gente ia até Santa Rita ...”

Hoje mulheres como dona Maria Terceira e dona Maria das dores Gomes dizem com pesar que ninguém vai mais à igreja, ninguém acompanha mais a procissão.

#### **IV - O TURISMO**

O turismo é uma atividade que vem se desenvolvendo entre os homens nos últimos anos. Para alguns, é uma atividade recreativa, uma forma de lazer; para outros é um meio de sobrevivência e há ainda os que o tem como um meio de reproduzir o capital. Na verdade, ela é uma poderosa atividade sócio-econômica, que tem se desenvolvido e se espalhado pelo mundo.

O turismo como atividade econômica tem movimentado em todo mundo um capital muito grande, e como atividade sócio-cultural tem unido pontos extremos tem ligado centros urbanos à vilarejos, praias, etc. Tem, também, aproximado culturas urbanas a culturas tradicionais. Nesse sentido, o que observamos é o que turismo tem explorado o lado belo e exótico dessas culturas.

Assim, o turismo está transformando o mundo num espaço homogêneo onde as culturas interrelacionam-se. Porém, nesse processo, algumas culturas têm se transformado para se adaptarem a uma nova estrutura, a estrutura do turismo e outras até desapareceram.

No Rio Grande do Norte o turismo tem início na década de 70, mais precisamente no ano de 1971 com a criação da EMPROTURN pelo governo do Estado, muito embora as primeiras ações voltadas para essa atividade tenham sido empreendidas nos anos 60 com a construção do Hotel Internacional dos Reis Magos.

O turismo no Rio Grande do Norte inicia-se pelo litoral, apesar de que nos anos 70 o governo tenha estimulado a implantação de uma cadeia de hotéis de pequeno e médio porte no interior do Estado.

Destacamos, ainda, como importante para o nosso turismo a Construção do Centro de Convenções de Natal nos anos 70 e nos anos 80, a construção da via costeira, que liga Ponta Negra as praias do Centro, tendo concentrada, no seu perímetro, uma rede de hotéis preparada para os turistas que visitam Natal.

A partir desse momento analisaremos o caso específico da comunidade de Genipabu. Nessa, o turismo começou no início ao década de 80, mais principalmente por volta de 1982. Até então, Genipabu tinha as características que já foram descritas no trabalho. As únicas vias de acesso eram a praia e uma estrada de barro de aproximadamente 30 km a partir de Natal, passando por várias outras comunidades.

Hoje, Genipabu é uma comunidade de aproximadamente 800 habitantes. Atualmente sua cultura está totalmente desarticulada, pois tudo que anteriormente foi descrito por nossos informantes, não é mais possível perceber na cultura local. Os velhos hábitos desapareceram. A comunidade recebeu água encanada, luz elétrica e a estrada de barro foi calçada, melhorando, assim, a via de acesso. Nas dunas, foram traçados pistas de passeios de buggys. Até as procissões se modernizaram, hoje, elas são realizadas sobre as dunas em carreatas de buggy.

Quanto às atividades econômicas descritas, desapareceram completamente. Os instrumentos utilizados na realização dessas atividades foram adaptados uma nova realidade. As jangadas realizam hoje o famoso "passeio turismo de jangada". Os filhos dos pescadores atualmente, são jangadeiros turísticos. Os cavalos dos vaqueiros,

também mudaram de função, hoje os filhos dos vaqueiros com seus cavalos realizam “passeios de cavalos para turistas”, ao longo da praia.

Os descendentes desses vaqueiros e jangadeiros abandonaram suas profissões para ganharem a vida oferecendo divertimentos e emoções para turistas. Hoje praticamente toda Genipabu está engajada no turismo, com exceção dos que foram embora e dos idosos, que ao contrário, expressam uma insatisfação, pois, segundo eles, essas mudanças foram boas para alguns e para outros não. Expressam também um saudosismo muito grande revelado nas palavras de dona Maria das Dores da Silva:

“... eu era mais meu Genipabu velho, do que o de hoje.”

Atualmente Genipabu está totalmente reestruturada. Tudo o que antes era conhecido e usado apenas pelos moradores da comunidade agora é utilizado segundo os interesses de outros. O que é interessante nisso é a forma predatória como todos os recursos são explorados. Não existe uma política que organize e direcione a exploração do turismo em Genipabu. Cada um age segundo seus próprios interesses, ou seja, bugueiro, donos de restaurantes e hotéis, barraqueiros, etc disputam seus espaços e nessa disputa poluem e destroem os recursos naturais. Nesse contexto o que fala mais alto é o capital e o interesse que prevalece é o do lucro alto e rápido que, inclusive, tem assustado o turista, pois é do seu bolso que sai esse lucro. Apesar de tudo, nativos e estrangeiros fazem em Genipabu a cultura do turismo, a qual entra em choque com a cultura tradicional que, apesar de esfacelada, encontra-se registrada na memória dos antigos. Esse choque gera a insatisfação e o saudosismo entre os mais velhos.



## **V - CONCLUSÃO**

Concluimos, portanto, que Genipabu não é mais a mesma comunidade, uma vez que, nas últimas décadas, sofreu uma transformação radical, provocada pela forma desordenada como o turismo se apropriou dessa comunidade devastando, assim, cultura nativa.

É evidente que nosso trabalho não esgota as discussões a respeito do turismo, da comunidade de Genipabu, nem mesmo das transformações causados pelo fluxo turístico em comunidades como Genipabu. Nosso objetivo não é esse, uma vez que há muitas outras questões que merecem ser discutidas.

Esperamos ter, na verdade, aberto as portas para que estas outras questões sejam analisadas e esperamos, também, estarmos contribuindo para que se perceba a forma brutal como o turismo tem se apropriado de determinadas comunidades e se discuta formas de evitar a ocorrência dessa desarticulação cultural das pequenas comunidades.

## **VI - BIBLIOGRAFIA**

- 1 - **ANUÁRIO Estatístico do Rio Grande do Norte.** v. 1, 1974; v. 8., 1981; v. 10, 1983; v. 11, 1984; v. 21, 1994; v. 22, 1995. Natal, Fundação IDEC.
- 2 - **BOSI, Ecléia. Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. Cap. 1, p. 5-30; Cap. 2, p. 31 - 50; Cap. 4, p. 329-400.
- 3 - **CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. Economia e Urbanização do Rio Grande do Norte nos anos 70.** Natal, UFRN / CCHLA. p. 274-275: O "boom" turístico.
- 4 - **FROTA, Luciara Silveira de Araújo e. Documento Oral e a Temática da Seca.** Brasília: Centro gráfico, Senado Federal, 1985. Cap. 4, p. 45-53: A técnica da entrevista na confecção do documento oral.
- 5 - **THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: paz e terra, 1992. Cap. 1, p. 20-44; Cap. 2, p. 45-103.
- 6 - **SANTOS, Paulo Pereira dos. Evolução Econômica do Rio Grande do Norte: século XVI ao XX.** Natal; Clima, 1994. p. 190-191: Produção pesqueira e pontualidade.